

# **O TRABALHO E A ECONOMIA SOLIDÁRIA: O ENCONTRO ENTRE PESQUISADORA E O COTIDIANO DOS CATADORES DE MATERIAS RECICLÁVEIS**

Ana Elidia Torres<sup>1</sup>

## **Resumo**

Este texto tem por objetivo trazer os apontamentos e reflexões da construção e execução de um projeto de mestrado em psicologia que visa descrever as possíveis transformações que o trabalho, sob os princípios da Economia Solidária, proporcionou no cotidiano dos sujeitos inseridos na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis – COOCASSIS. A pesquisa de campo se dará pelo método etnográfico, buscando um maior envolvimento com a realidade daquele coletivo, e assim apreender seu cotidiano e sua cultura, para que possa ser estabelecidos momentos de reconstrução dessas possíveis mudanças na vida destes trabalhadores.

**Palavras-chave:** Incubadora; Catador de Material Reciclável; Etnografia.

## **Introdução**

Este texto visa apresentar o processo de construção de um projeto de mestrado em psicologia, desde a história de encontro entre pesquisadora e objeto até as reflexões que norteiam a pesquisa, que tem como sujeitos principais, os catadores que trabalham em uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis na cidade de Assis, a COOCASSIS, a qual busca seguir os princípios do Cooperativismo Popular e da Economia Solidária. O objetivo da pesquisa é buscar observar a mudança no cotidiano desses catadores.

Nesse sentido, este trabalho tem como meta ponderar sobre o projeto como um todo, tentando elucidar sobre as escolhas que foram feitas desde objeto de estudo, até a delimitação da metodologia, e os questionamentos sobre ela. Para tanto, no decorrer do texto será

---

<sup>1</sup>Graduação em Psicologia (2011) pela Faculdade de Ciência e Letras de Assis. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UNESP, Assis-SP.

discutido o objetivo da pesquisa, a hipótese e o método, no entanto, além disso, a pesquisadora entende ser importante mostrar o percurso de encontro dela com os sujeitos de pesquisa. Isso porque a mesma entende que esse percurso tem um sentido, e foi justamente esse movimento, ou seja, esse caminhar que fez com que chegasse a escolha tanto do objeto quanto do método empregado.

Para o desenvolvimento deste estudo foi adotado a etnografia como referencial metodológico, para conseguir, junto aos trabalhadores as descrições que permitirão a construções de análises de seus cotidianos<sup>2</sup>.

A etnografia permitirá um trabalho junto ao grupo, possibilitando assim captar elementos que não podem ser vistos sob um primeiro olhar, ou seja, só pode ser compreendido na medida em que se aproxima e vivencia com os sujeitos em determinada condição o cotidiano, descrevendo com riqueza de detalhes essa permanência (MAUSS, 1979 [1902]). Já a análise é um processo constante nesse tipo de trabalho, ela é feita ao mesmo tempo e posteriormente, pois a escrita e a releitura dos diários de campo são procedimentos de análise. Esse processo admitirá uma aproximação com o detalhe, e uma atenção com minúcias não visíveis a uma visita especulativa, e assim chegar ao que Geertz (2008) chamaria de uma *descrição densa*. E ele ainda acrescenta:

O que o etnógrafo enfrenta, de fato — a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados — é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. (GEERTZ, 2008, p. 7)

---

<sup>2</sup>“A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias.” (HELLER, 1985, p. 17)

Esse sistema tem sido bastante usado em pesquisas que desenvolvem estudos sobre a vida das pessoas nos locais de trabalho, podendo ser visto em trabalhos recentes, como por exemplo, na tese de Castro, defendida em 2010:

A descrição etnográfica foi muito utilizada para o estudo da cultura de povos primitivos e hodiernamente tem sido um importante instrumento para pesquisas antropológicas, sociais e psicológicas com grupos urbanos, entre outros. Acredito que através de uma convivência prolongada com os motoboys, poderíamos compreender suas práticas cotidianas na relação de forças que estabelecem com o espaço da metrópole paulistana.

Ou seja, a Etnografia é um método de pesquisa que busca uma extensa gama de informações, utilizado por pesquisadores de distintos campos. É definida como uma pesquisa sobre e nas instituições, baseada nas observações participante e/ou em registros permanentes da vida diária, nos locais e contextos em que ela naturalmente acontece. (SATO, 2007)

Na pesquisa parte-se da hipótese de que o trabalho, sob os princípios da Economia Solidária, pode transformar o cotidiano dos sujeitos inseridos na Cooperativa, e, portanto, a pesquisadora tem o intuito de:

1. Buscar a relação destas pessoas com o trabalho antes do ingresso na Cooperativa de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis – COOCASSIS;
2. Buscar conhecer o encontro destes trabalhadores com o Cooperativismo Popular e com a Economia Solidária;
3. Descrever as possíveis mudanças no cotidiano advindas desta nova realidade.

Mediante esta hipótese, é relevante ressaltar, ainda que de forma breve, as tendências e características do trabalho na sociedade capitalista, uma vez que para o pesquisador formular seu problema de pesquisa e paralelamente construindo seu método, é necessário que ele esteja familiarizado com o grupo, o contexto e a produção teórica do objeto que pretende estudar; além disso, a escolha por um método de trabalho em pesquisa também se relaciona com o contexto em que tanto o pesquisador como seu objeto estão inseridos. (KOSMINSKY, 1999).

### **Um breve panorama do Mundo do Trabalho: suas limitações e suas alternativas.**

O “Trabalho” é um tema que nas ciências humanas tornou-se objeto de muito estudo, resultando em longos e profundos debates. Desde os autores clássicos, como Marx, Durkheim e Weber, o *trabalho* tem sido abordado de diversas maneiras. Marx tinha um posicionamento muito claro em relação ao trabalho, e discorreu sobre o tema em muitas de suas obras desde os *Manuscritos Econômicos Filosóficos*, até *O Capital*. Para este autor, o trabalho ocupa um lugar central, pois, como deixa claro, o trabalho é o que “funda” o ser humano, aquilo que o “realiza”. Em outras palavras, o trabalho é que transforma o homem em ser social, distinguindo-o das formas “pré-humanas”<sup>3</sup>, sendo condição fundamental e necessária na vida humana e social, pois a capacidade de objetivar as coisas, o princípio teleológico<sup>4</sup>, que os distingue dos demais animais.

A relação entre o homem e a natureza é mediada pelo trabalho, desse modo, a interação entre homem e natureza ocorre através do trabalho humano, que modifica a natureza para responder a suas necessidades, assim, esse poder de criação do trabalho, ao passo que transforma a natureza, transforma ao mesmo tempo o homem<sup>5</sup>.

O trabalho na sociedade capitalista, ganha outro contorno, um lado negativo, sendo o trabalho alienado (VÁZQUEZ, 2007), reduzindo o ser humano a uma condição de produtor de mercadorias, que não reconhece o fruto de seu próprio trabalho, gerando assim uma relação de estranhamento. Levando Marx (1989) a afirmar que, no capitalismo, o “trabalhador decai a uma mercadoria e a mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalho está na razão inversa do poder e da magnitude da sua produção” (MARX, 1989, p. 147). Assim, o trabalho é ao mesmo tempo o produtor de riqueza e produtor da miséria do trabalhador; o homem torna-se mercadoria quanto mais mercadoria produz; a sua realização é também sua desrealização; e quanto mais objeto produz, menos ele tem (MARX, 1975).

Portanto, esse trabalho enquanto uma atividade humana que transforma a natureza e constitui o sujeito, no modo de produção que prima pela acumulação do capital, muda de

---

<sup>3</sup> MARX, 1989.

<sup>4</sup> Ficando mais evidente com o clássico exemplo do livro *O Capital*, entre a distinção da melhor abelha e do pior arquiteto. No qual o trabalho do pior arquiteto é qualitativamente superior a da melhor abelha, pois antes do arquiteto executar a construção, ele a projeta em seu cérebro. Ou seja, o trabalhador primeiro planeja, para em seguida executar o trabalho. (MARX, 1975, p. 130 – 131).

<sup>5</sup> Id. *Ibidem*, p. 130.

sentido (ANTUNES, 2010). Torna-se trabalho alienado, uma mercadoria, o operário vende sua força de trabalho como forma de garantir a sobrevivência.

Como aponta Duarte (2004):

O sentido pessoal é produzido pelas condições objetivas de vida do operário, que o levam a vender sua força de trabalho em troca de salário. Por essa razão, o sentido do trabalho do operário será para ele o mesmo, esteja ele trabalhando em uma fábrica de tecidos, ou em uma fábrica de armas ou em uma fábrica de remédios que salvam vidas, pois o sentido de seu trabalho é determinado pelo quanto ele recebe e não pelo que ele produz.

O sistema capitalista impera como sistema econômico e organizador da vida social no mundo há mais de dois séculos. Sua essência filosófica esta embasada na lei de sobrevivência do mais apto; portanto, incompatível com formas coletivas de organizar a vida. Esse sistema cria valores e princípios que não se limitam à economia, mas alcançam à construção de uma lógica que se faz presente na cultura, nas relações sociais, no trabalho e principalmente na constituição de uma subjetividade regulada por competição, individualismo, alienação e passividade, ou seja, se da em uma totalidade social.

A ideia de sobrevivência "apenas" dos mais aptos e da lei de "cada um por si" traz nesse sistema a forma competitiva de encarar o mundo. Competição no capitalismo é um valor que, na teoria, alavanca a sociedade<sup>6</sup>; mas, na prática, alavanca alguns (poucos) sob a espoliação de outros (a maioria), como aponta Singer: “A apologia da competição chama a atenção apenas para os vencedores, a sina dos perdedores fica na penumbra.” (2002, p. 8).

No contexto empresarial essa competição aparece cada vez maior, e as empresas estão numa corrida contra o tempo para se superarem sempre, e assim se tornarem melhores perante o mercado. Isso suscita uma procura pela inovação tecnológica, que tende a se aprofundar em um contexto de reestruturação produtiva aprofundando o processo denominado de globalização. Este processo gera a intensa maquinização do campo e das indústrias, e ao mesmo tempo novas técnicas de racionalização e organização do trabalho, ou seja, dessa

---

<sup>6</sup> De acordo com Adam Smith, cada capitalista perseguindo seus objetivos individuais leva de igual maneira, de uma forma “natural” ao progresso da sociedade. (SMITH, 1978).

forma cria-se tecnologias que aumentam a produtividade do trabalho, ao mesmo tempo que, reduz o número de trabalhadores, deixando as organizações mais enxutas e mais lucrativas.

É extremamente irônico que o processo de “globalização”, tão tendenciosamente propagandeado, tenha assumido em toda parte a forma devastadora do desemprego crônico, mesmo no “Norte” mais desenvolvido e privilegiado. Mas esta é a última coisa que os advogados acríticos da globalização desejam colocar em relevo. O que torna essa questão particularmente grave é que o desemprego crônico representa um limite *absoluto* – no sentido de insuperável – do sistema do capital em si em todas as suas variedades possíveis. É por isso que somente uma mudança verdadeiramente fundamental, que institua uma ordem social radicalmente diferente, será capaz de superar a desumanidade do desemprego cada vez mais globalizado: um problema de que nem mesmo a maior “casualização” – um sinônimo educado de *precarização* – será capaz de arranhar a superfície. (MÉSZÁROS, 2012, p. 17-18)

Nessa conjuntura também aparece a busca pelos menores custos de trabalho nos países subdesenvolvidos, a flexibilização dos contratos, a redução do poder sindical e a retirada dos direitos dos trabalhadores (ALVES, 2000), tudo isso resultando no aumento significativo do índice de desemprego.

Na verdade, pela pressão do desemprego em massa, a situação dos trabalhadores que continuaram empregados também piorou: muitos foram obrigados a aceitar a “flexibilização” de seus direitos e a redução de salários diretos e indiretos. Sobretudo a instabilidade no emprego se agravou, e a competição entre trabalhadores dentro das empresas para escapar da demissão deve ter se intensificado. (SINGER, 2002, p.110)

Todavia, no cenário de desemprego, os pobres não podem ficar parados. Ou seja, esse processo retira do mercado formal de trabalho milhares de trabalhadores que não são prontamente reinseridos e passam então a desenvolver atividades nas ruas. Ficam desempregados, mas não desocupados. Para sobreviver, começam a atuar no mercado informal de trabalho geralmente em condições muito precárias (ANTUNES, 2008).

A catação de materiais recicláveis é uma das atividades informais mais praticadas por estas pessoas que são excluídas do mercado formal de trabalho. Segundo a Cartilha de

Formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis<sup>7</sup>, esta ocupação já data de mais de 50 anos. No entanto, ainda que com meio século de existência, as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis são muito precárias.

Ao perambular pelas ruas, observa-se centenas deles abrindo sacos de lixo, entrando em contato direto com substâncias tóxicas, carregando toneladas de materiais em seus carrinhos, expostos muitas horas ao sol. Há ainda muitos catadores que trabalham nos lixões a céu aberto, disputando com urubus e porcos, alimentos descartados para o consumo pela sociedade. Além dessas condições ergonômicas de trabalho muito precarizadas, estes trabalhadores são explorados ao venderem seus materiais a preços irrisórios para comerciantes denominados atravessadores.

Recolher material reciclável entre os dejetos é o meio de vida que resta aos que a exclusão social degradou ao máximo. Eles não têm outras alternativas a não ser talvez, atividades criminosas e mendicância. Uma grande parte dos que moram na rua ou em lixões se dedica a catar material reciclável. Sendo extremamente pobres, são explorados pelos sucateiros, que lhes adiantam dinheiro para poderem subsistir em troca da entrega do material coletado a preços vis. (SINGER, 2002, p.89)

Nesse contexto do trabalho informal, do desemprego, da precariedade das relações e condições de trabalho, e principalmente, desse trabalho alienado, a Economia Solidária aparece como uma outra possibilidade de renda ou mesmo como uma alternativa. Tanto de renda para trabalhadores desempregados, quanto de vida para esses catadores, ou mesmo para trabalhadores que atuavam na informalidade, e muitas vezes, na absoluta precariedade.<sup>8</sup>

A Economia Solidária se apresenta como opção de mudança uma vez que pode proporcionar ao trabalhador outra lógica de renda, uma outra forma de produzir, de vender, de se relacionar, com valores divergentes aos capitalistas (SINGER, 2002), propondo a autogestão, cooperação, autonomia e solidariedade.

---

<sup>7</sup> Cartilha de Formação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis – São Paulo: Setor de Comunicação do MNCR, 2005.

<sup>8</sup> “A Economia Solidária é ou poderá ser mais do que mera resposta à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: uma alternativa superior ao capitalismo.” (SINGER, 2002, p. 114)

É importante ressaltar que a Economia Solidária enquanto alternativa, e principalmente, enquanto proposta de mudança, é uma construção cotidiana, uma vez que a condição capitalista impera como sistema. Ou seja, inicialmente, os trabalhadores veem nesse espaço da Cooperativa apenas uma possibilidade de trabalho e renda. O fato de eles entrarem nesses empreendimentos que se baseiam nos valores da Economia Solidária não garante uma reflexão sobre o novo processo democrático de trabalho, já que, em todos os outros âmbitos da sociedade, prevalecem os valores capitalistas, da competição e individualismo, promovendo alienação e desrealização. Essa última é caracterizada pela ausência de sentido no trabalho e de uma consciência mais crítica acerca da realidade, dos problemas sociais, políticos e intelectuais. Nesse sentido, desvelar, por meio da promoção de espaços de debates, o antagonismo entre os valores capitalistas e os valores solidários contribui para que não se reproduzam a alienação e estranhamento também nos empreendimentos solidários. Essa nova forma coletiva de organização das relações econômicas e sociais poderá, ou não produzir novo sentido para o trabalho desses sujeitos.

No Brasil a Economia Solidária reviveu e ganhou força com a crise social das décadas de 80 e 90, onde o país se desindustrializou e milhões de postos de trabalho foram perdidos, acarretando desemprego em massa e acentuada exclusão social. Ela assumiu em geral a forma de cooperativas e associações produtivas, sob diferentes modalidades. Grande parte deste contingente é formado por cooperativas e grupos de produção associada, incubados por entidades universitárias denominadas Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Outro contingente é formado por empresas falidas, ou em vias de falir, tomadas por seus trabalhadores que as ressuscitam como cooperativas. Há ainda, a modalidade formada por cooperativas promovidas por agricultores assentados pelo MST. Mas todas as modalidades atuam de forma autogestionária e sob os princípios da Economia Solidária.

A vivência cotidiana desses trabalhadores em empreendimentos econômicos solidários é tomada como ponto de partida para a estratégia metodológica do trabalho da equipe, composta por docentes e alunos da graduação. O referencial teórico-metodológico baseia-se nos princípios do Cooperativismo Popular, da Economia Solidária, na perspectiva da Educação Popular, da Psicologia Sócio-Histórica e da Pesquisa Participante. Assim, os trabalhadores são vistos como sujeitos ativos, historicamente constituídos, a partir das relações sociais



estabelecidas, em decorrência do modo de produção (Bock; Gonçalves; Furtado: 2009).

Contrapondo aos valores do sistema hegemônico, a Economia Solidária, tem enfoque na lógica "inclusiva", no bem coletivo, não na competitividade e no individualismo.

Segundo o autor:

A Economia Solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras, etc., uma vida melhor. Vida melhor não apenas no sentido de que possam consumir mais com menor dispêndio de esforço produtivo, mas também melhor no relacionamento com familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho, colegas de estudo etc., na liberdade de cada um de escolher o trabalho que lhe dará mais satisfação; no direito à autonomia na atividade produtiva, de não ter de se submeter a ordens alheias, de participar plenamente das decisões que o afetam; na segurança de cada um saber que sua comunidade jamais o deixará desamparado ou abandonado. (Singer, 2002, p. 114 - 115)

Essas duas óticas econômicas são pautadas por valores opostos, mas presentes intercaladamente, ou simultaneamente, no cotidiano dos empreendimentos econômicos solidários, cujos trabalhadores se dispuseram a viver uma nova forma de estabelecer as relações entre os pares. Apesar de participarem desse espaço solidário, vivem em uma sociedade capitalista, num impasse constante entre essas duas possibilidades.

Ao tomarmos a produção da cultura e da subjetividade a partir das relações sociais estabelecidas e determinadas pelas relações econômicas, podemos apontar para presença de uma força recorrente da velha ordem administrativa hierarquizada e da organização do processo de trabalho do modo de produção capitalista. Modelo que separa as atividades de concepção e de comando, das atividades operacionais, dividindo os trabalhadores em duas grandes categorias: os que pensam e tem poder e os que meramente obedecem e executam. Essa força continua produzindo subjetividades, mesmo quando se invocam dispositivos de mudança, sendo assim faz-se necessário a educação permanente dentro destes espaços, fazendo com que as contradições sejam desveladas e contribuam para o amadurecimento do

grupo. Nesse panorama, a aliança do empreendimento com o poder público e com a Universidade pode trazer bons frutos.

A parceria dos Empreendimentos Econômicos Solidários com as Universidades, a partir de Projetos de Extensão e de Programas Nacionais de Fomento<sup>9</sup>, consolida-se na ação das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares. Estas têm como proposta: assessorar e acompanhar os grupos populares em sua organização para o trabalho coletivo e democrático; contribuir para a articulação dos empreendimentos com os movimentos sociais que os representam, além de atuar junto ao Movimento da Economia Solidária.

No Brasil, a reinvenção da economia solidária é recente, mas apresenta grande vigor e notável criatividade institucional. São invenções brasileiras a Associação Nacional de Trabalhadores de Empresas de Autogestão e de Participação Acionária (Anteag), que já orientou a conversão de centenas de empresas em crise em cooperativas, e as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) inseridas em Universidades. [...] As incubadoras organizam comunidades periféricas em cooperativas mediante a incubação, um complexo processo de formação pelo qual as práticas tradicionais de solidariedade se transformam em instrumentos de emancipação. (Singer, 2002, p. 121 - 122)

Atualmente, as incubadoras se apresentam como importante componente da Economia Solidária, estando presente em muitas universidades e atendendo diversos municípios do país. São multidisciplinares, integradas por alunos de graduação, pós-graduação, funcionários e professores, pertencentes as mais diferentes áreas do saber. As ITCPs atuam em grupos comunitários que desejam trabalhar e produzir em conjunto, dando-lhes formação em Cooperativismo e Economia Solidária e apoio técnico, jurídico, e logístico para que possam viabilizar seus empreendimentos autogestionários.

Foi justamente o encontro da pesquisadora com uma incubadora que se deu o projeto de mestrado que esta sendo discutido aqui. Por tanto, faz-se necessário, também, ressaltar esse processo e assim contar a história do encontro da pesquisadora com Incubadora e

---

<sup>8</sup> O Programa Nacional de Incubadoras – PRONINC- tem fomentado e financiado projetos de apoio à formação e ao desenvolvimento de grupos populares, na perspectiva da Economia Solidária, por intermédio das Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares.

posteriormente com a cooperativa. É precisamente nessa historia, que será possível encontrar a justificativa para tais escolhas de pesquisa e método, e com isso, também encontrar as possibilidades de critica, analise e avaliações dessas escolhas.

### **O encontro com a pesquisa e a edificação do objeto**

A pesquisa vem da ideia de retomar o estudo com catadores e assim apreender melhor seu cotidiano e seu trabalho; o projeto, que ainda esta em andamento, parte da experiência<sup>10</sup>, da pesquisadora, que durante parte de sua graduação, atuou através do Projeto de Extensão, na Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP – Núcleo de Assis junto a COOCASSIS. Assim foi possível traçar um caminho de muito aprendizado, onde a convivência com o coletivo da Cooperativa potencializou a dúvida, a reflexão (VÁZQUEZ, 2007) e a vontade de buscar conhecer cada vez mais essa realidade, que traz uma atuação em uma Cooperativa Popular na perspectiva da Economia Solidária. Nesse sentido, o desenvolvimento dessa pesquisa trouxe reflexões e levou a compreender como o trabalho tem acontecido no cotidiano desses catadores, e quais as mudanças objetivas e subjetivas que ele tem proporcionado.

Partindo do pressuposto de que a experiência na graduação foi fundamental para a escolha do objeto de pesquisa, e conseqüentemente da metodologia, faz-se necessário nesse texto, um esclarecimento desse percurso de contato e aproximações com a Cooperativa, proporcionando assim um maior questionamento<sup>11</sup> disto.

---

<sup>10</sup> Experiência aqui como entende Thompson [1981: 182] “Os homens e mulheres também retornam como sujeitos , dentro desse termo, - não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura (as duas outras expressões excluídas pela teórica) das mais complexas maneiras (sim, “relativamente autônomas”) e em seguida (muitas vezes, mas nem sempre, através das estruturas de classe resultantes) agem, por sua vez, sobre sua situação determinada.”

<sup>11</sup> Michel Thiollent [1980: p. 24] subdivide-se o conceito “questionamento” em quatro níveis de aplicação: a) o questionamento da obtenção de dados, b) o questionamento das convencionais técnicas de pesquisa, c) o questionamento dos pressupostos, das categorias e de outros elementos relativos à visão do mundo dos sociólogos que são aplicadas, em geral, de modo implícito, na concepção da investigação, na formulação de questionários, etc., e d) o questionamento sociológico enquanto substituto da observação. Para Thiollent esses

O questionamento salienta a necessidade de se estabelecer uma intercomunicação entre o polo investigador e o polo investigado, mas também pode ser concebido dentro de uma situação de auto-investigação (quando os dois polos são reunidos) e em diversas formas de pesquisa-ação (THIOLENT, 1980, p. 25).

A reconstrução deste percurso, e posteriores questionamentos, será realizado por uma pesquisadora que já percorreu esse caminho e já tem seu objeto escolhido. Ou seja, a narrativa<sup>12</sup> é realizada a partir do foco da pesquisadora, que ao delimitar seu objeto de estudo e/ou de pesquisa, também deve refletir sobre si, sendo assim, o caminho biográfico é descrito e olhado por quem já passou por ele.

Esse deslocamento biográfico nos põe diante de momentos de nossa história pessoal que se tornaram distantes e “externos” para nós, numa relação de certo modo objetiva, como a de um etnógrafo em relação ao grupo que estuda. Nessa relação de “exterioridade” no tempo biográfico, nos casos em que se dá, uma ocorrência como a que examino neste estudo pode, então, ser lembrada e interpretada pelo próprio protagonista, ou pela própria testemunha, a partir de um sistema de significados diverso daquele que deu sentido às relações sociais e aos acontecimentos no momento em que foram vividos. Podemos rememorar a nossa própria vivência do passado a partir de um novo e diferente modo de ver e compreender a vida, definido pelas circunstâncias do nosso presente. (MARTINS, 1994, p. 5)

É relevante dizer que o relato da vivencia anterior será feito para delimitar de onde essa pesquisa parte e por quais caminhos ela passa. No entanto a vivencia não acaba aqui, uma vez que ela é o início desse encontro, afinal o caminho é processual e contínuo, e a etnografia irá proporcionar mais aproximações com o campo e com os sujeitos que lá estão.

O processo etnográfico é aberto e artesanal. Pode começar com questões simples, como as que se formulam necessariamente quando ainda não existe uma

---

quatro níveis são relacionados uns com os outros, por isso aqui, optou-se por utilizar o conceito “questionamento sociológico”, pois ao utilizá-lo necessariamente deve-se ter em mente as outras três perspectivas.

<sup>12</sup> Segundo Jovchelovitch e Bauer [2008, p. 90] “A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além de seu emprego como método de investigação. A narrativa como forma discursiva, narrativas como histórias, e narrativas como histórias de vida e histórias societais, foram abordadas por teóricos culturais e literários, linguistas, filósofos da história, psicólogos e antropólogos.”

construção teórica anterior do objeto ou uma tradição de pesquisa de onde partir. Também se pode empreender a pesquisa com questões precisas, formuladas depois de uma discussão ou de um desenvolvimento teórico (ROCKWELL; EZPELETA, 1989, p. 50).

O encontro aconteceu não entre pesquisadora e campo, no primeiro momento, mas sim entre aluna da graduação de psicologia e a cooperativa de catadores, e ele não se deu ao acaso, mas sim por uma afinidade com o trajeto que o projeto tinha percorrido, e também pelas possibilidades de aprendizados que ele poderia oferecer. Por isso, é necessário ressaltar aqui, a trajetória que levou um projeto de extensão a virar uma Incubadora de Cooperativas Populares. Essa história de constituição da Incop Unesp esta diretamente ligada ao movimento que fez surgir a COOCASSIS, cooperativa que esta dentro do estudo dessa pesquisa. A constituição da Incop está tão ligada a constituição dessa cooperativa que algumas pessoas da cidade até confundem o nome, e acham que os alunos que atuam no projeto de extensão da Incubadora trabalham com estagio na COOCASSIS.

Quando a pesquisadora entra para esse projeto, ela já encontra esse cenário posto, e por isso entende que essa historia é importante para sua pesquisa. Ou seja, ela se encontrou com algo que tem um contexto e que isso determinou algumas coisas, como por exemplo, que a história de trabalho entre a INCOP e a COOCASSIS, foi marcada constantemente pela busca de novas metodologias e novas teorias que pudessem dar conta de uma compreensão da realidade tanto para os acadêmicos quanto para os trabalhadores e que isso possibilitou além de tudo uma transformação da realidade através de uma subversão da lógica capitalista, como uma alternativa a ela.

A história de constituição da Incop Unesp, mais especificamente do Núcleo de Assis, começa em 2001, com um Grupo de Discussão sobre Desemprego com Trabalhadores Desempregados<sup>13</sup>, que em suas reuniões, deparavam-se com uma indagação apresentada por esses trabalhadores: “... mas vai ter trabalho?” Ou seja, discutir a condição e os determinantes do desemprego só teria sentido se fosse possível vislumbrar alternativas.

---

<sup>13</sup> Núcleo de Estágios da Unesp de Assis formado por uma equipe de professores e estagiários do Curso de Psicologia.

Ao passo que as conversas com estes trabalhadores criavam certa consistência para pensar uma alternativa de condições melhores de trabalho e soluções conjuntas de geração de renda, o grupo de discussão foi abordado pela equipe da Cáritas Diocesana<sup>14</sup> que apresentou seu projeto de mobilização nacional, o Luxo do Lixo, cujo objetivo consistia em apoiar organizações de catadores de materiais recicláveis. Na ocasião, o trabalho que desenvolviam em Assis com catadores estava suspenso. Foi então que os convidaram para um trabalho conjunto, oferecendo infra-estrutura (galpão 300 m<sup>2</sup>, balança e prensas, carrinhos e outros), pagamento de um funcionário que atuava internamente e participação de um membro da Diretoria para os trabalhos de assessoria.

Ao mesmo tempo em que se consolidava o trabalho realizado pelos catadores no novo galpão em Assis, articulava-se no Brasil o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR), que teve como objetivos principais o reconhecimento da categoria, bem como, regulamentação de sua ocupação e, ainda, integração das cooperativas e associações de catadores de materiais recicláveis nas políticas públicas sobre gerenciamento de resíduos sólidos urbanos.

Neste período, o MNCR mobilizou centenas de catadores para o 1º Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis, ocorrido em 2001, em Brasília. A força desta articulação, que se organizava a nível nacional, chegou ao Oeste Paulista e trouxe ao grupo de Assis as bases políticas que norteariam um processo local de organização do trabalho cooperativista. Em 2003, o então Grupo de Formação da Cooperativa foi oficializado como COOCASSIS (Cooperativa dos Catadores de Materiais Recicláveis de Assis), contando, nesta ocasião, com 47 cooperados. Após sua criação, a cada mês novos catadores e desempregados

---

<sup>14</sup> A Cáritas Diocesana de Assis é uma rede da Igreja Católica de caráter social, atuando na defesa dos direitos humanos e do desenvolvimento sustentável solidário na perspectiva de políticas públicas, com uma mística ecumênica. Seus agentes trabalham junto aos excluídos e excluídas, muitas vezes em parceria com outras instituições e movimentos sociais.

de outras áreas procuravam a COOCASSIS para ingressarem em busca de uma alternativa de trabalho e renda<sup>15</sup>.

Em 2003, após longa discussão entre os trabalhadores da cooperativa, os atores da Incubadora, e os agentes de gestão da prefeitura, a COOCASSIS firma seu primeiro Convênio com a Prefeitura Municipal de Assis e assume as atividades de triagem do lixo no Parque de Reciclagem. Na renovação do Convênio, em 2004, implantou-se a coleta seletiva do município, frente ao cenário de novas demandas de caráter ambiental e extensos diálogos a respeito da responsabilidade da separação do lixo, ou seja, o material reciclável não deveria mais estar no lixo, e sim separado e recolhido como matéria limpa e possível de reutilização. Neste período, a Incop UNESP – Núcleo de Assis ganha visibilidade na região e algumas prefeituras começam a procurar seus serviços para organizar novos grupos de catadores. Assessorando os gestores públicos na elaboração de políticas públicas na área de Gestão de Resíduos Sólidos com inclusão de catadores, além dos trabalhos de incubação com organizações de catadores, a incubadora participou da implantação de Coleta Seletiva em vários municípios. Resultado desse processo de difusão, hoje a Incubadora atua, junto aos grupos de catadores de materiais recicláveis, nos municípios de Assis, Maracáí, Palmital, Quatá, Paraguaçu Paulista, Candido Mota, entre outros projetos, além de atuar também junto ao Comitê Regional de Catadores do Oeste Paulista.

A discussão dos resíduos sólidos esta em cenário nacional e se concretizou em lei<sup>16</sup>, com isso os municípios estão se movimentando para regularizar seus lixões e suas destinações de resíduos, tanto lixo orgânico, como material reciclável. A discussão com representantes da

---

<sup>15</sup> Nos anos 80 e 90, houve aumento nas taxas de desemprego, ao passo que, após os dois primeiros anos iniciais da década de 2000, a tendência modificou-se, houve uma redução nas taxas de desemprego calculadas pelo IPEA – Instituto de Políticas Econômicas Avançadas. Ao longo da década de 90 houve uma tendência ao aumento do desemprego, resultado de políticas econômicas, cujas bases consistiam na; abertura econômica, financeira e comercial – globalização ou mundialização do capital –; Reformas do Estado influenciado pelo Consenso de Washington – neoliberalismo (KREIN, 2007).

<sup>16</sup> A Lei nº 12.305, de 2 de agosto de 2010 institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, dispendo sobre seus princípios, objetivos e instrumentos, bem como sobre as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos, incluídos os perigosos, às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis.

prefeitura vão dando visibilidade às demandas e às condições básicas para o início do trabalho para a coleta de resíduos no município. Uma vez que a regulamentação do serviço de coleta é também responsabilidade do poder público, conforme o que estabelece a Política Nacional de Resíduos Sólidos:

### **Chegando ao método: sua construção e questionamentos.**

O encontro deste projeto da Incubadora com a pesquisadora se deu ao final de 2009 quando em seu terceiro ano da graduação teve que optar por um projeto de estágio, e dentro dele teve que escolher uma área de atuação na incubadora. A escolha por atuar junto a COOCASSIS foi feita pela possibilidade de trabalhar com a questão da Educação Popular através do Círculo de Cultura<sup>17</sup> com o grupo, que nesse momento contava com 120 trabalhadores. Círculo de Cultura é espaço para um possível distanciamento da alienação e uma aproximação da autonomia, onde questiona-se a subjetividade formada no sistema capitalista e busca-se a criação de outro modo de subjetivação, com sujeitos ativos e conscientes de suas práticas sociais, políticas e econômicas, em outras palavras, a *práxis*. Esse trabalho proporcionou grandes afetos entre a estudante de psicologia e trabalhadores cooperados, gerando bastante aprendizado e inquietações que serão recuperadas durante a pesquisa.

O processo de pesquisa etnográfica requer do pesquisador que preste muita atenção nele mesmo, uma vez que é a sua relação com as pessoas do local e dele com as teorias e hipóteses que gerarão os achados. Ou seja, é preciso que continuamente estejamos nos perguntando: o quê estamos fazendo? Essa constante postura interrogativa possibilita-nos questionar o que nos parece familiar e, portanto ao que nos faz sentido, pois aos eventos que assim concebemos conseguimos atribuir significados. Ao lado disso, também devemos angariar esforços no sentido de prestar atenção àqueles acontecimentos que nos parecem pouco importantes (SATO, L., SOUZA, M. P. R., 2001).

---

<sup>17</sup> A primeira vez que Paulo Freire cita esse processo foi em seu livro Educação como Prática da Liberdade, onde conta sobre essa metodologia de proporcionar debates em alguns grupos com o intuito de esclarecimento das situações. A primeira experiência foi em Recife, com cinco analfabetos que através de figuras iam dando sentido as situações e construindo a narrativa desse saber.



Foram dois anos e meio de permanência da estudante na Cooperativa, convivendo com o grupo, e participando de seus espaços, ao menos três vezes por semana, proporcionando assim um habitar etnográfico de cunho amador (MARTINS, 1994). De início o grupo aceitou essa entrada como faz com a maioria dos estudantes que passam por aquele espaço, mas quando a graduanda mostrou que aspirava por mais tempo com o coletivo, e em espaços comumente não habitados por estudantes, ficaram receosos e questionadores, aplicando-lhe perguntas e desafios como, por exemplo, o de participar do processo de trabalho da cooperativa.

Ao optarmos por uma abordagem etnográfica, optamos por nos inserir num local com pretensões de pesquisa, onde nós somos os pesquisadores e as pessoas do local o "objeto" a ser pesquisado. Porém, esse é um ponto de vista nosso, pois há outros - o das pessoas do local - para as quais nós também nos constituímos em objeto de pesquisa e isso tem implicações para o "estar no campo" e para a condução a ser adotada nessa relação entre pessoas. Embora apenas para fins didáticos, continuaremos a nos referir ao pesquisador e às pessoas do local pesquisado, ambos são pesquisadores, na medida em que olham acontecimentos, constroem "fatos," analisam-nos e nos interpretam, com finalidades e, talvez, com instrumentos distintos (SATO, L., SOUZA, M. P. R, 2001).

Quando o aluno chega no espaço de trabalho da cooperativa, o grupo o recebe de forma acolhedora, mas com a perspectiva de quem está lá para ensinar e aprender com esse aluno, uma vez que a rotatividade de estagiários é alta. Em meio a essa dinâmica o coletivo já se apropriou da ideia freiriana de troca de saberes, alcançando, na maioria das vezes, que o aluno não tem todo saber para ensinar, mas que também não chega vazio para aprender (FREIRE, 1989). Quando esse aluno propõe uma maior aproximação com o grupo, como é o caso desta pesquisadora, os trabalhadores lhe dispõem da possibilidade de adentrar ao desafio do cotidiano de trabalho com o lixo, ou seja, é posto a esse aluno o desafio de colocar a "mão na massa", ajudar na coleta, pegar no lixo, e no material reciclável, ver o peso do carrinho, e ajudar a pensar, entre outras partes do processo de trabalho.

Embora não façamos parte daquele grupo, há determinadas regras válidas para qualquer um que passe do portão pra dentro. Nesse primeiro momento a pesquisa se concentra em nós mesmos e o que nos guia é uma curiosidade inicial, a necessidade

de nos situarmos no local, cuja vinculação com os objetivos de nossa pesquisa é menos direta (SATO, L., SOUZA, M. P. R, 2001).

Para os trabalhadores esse processo indica que esse sujeito, aluno, vindo da universidade, visivelmente membro de “outra classe”, morador de outra cidade, que muitas vezes não trabalha, só estuda, está disposto a experienciar esse outro universo sem receios ou prepotências. E para o aluno, esse movimento sugere que a vivência será de imergir e aprender para além da teoria, e da aparência esperada desse coletivo cooperado (SILVA, 2000).

Depois de ter aceitado o desafio e vivido o trabalho junto ao grupo em seu processo de coleta e separação do material reciclável, e por conseguinte, ter participado também de momentos importantes de decisão para o coletivo, o grupo aceitou o desafio de proporcionar abertura para esta estudante atuar e permanecer na Cooperativa vários dias da semana, proporcionando o que Martins chamará de etnógrafo espontâneo:

Eu tinha um domínio visual razoavelmente completo de todos os procedimentos adotados no processo de trabalho nas várias seções pelas quais ele se distribuía. E porque trabalhava no mesmo escritório dos engenheiros tive, rapidamente, que me familiarizar com toda a nomenclatura dos equipamentos principais, da matéria-prima e dos procedimentos de produção mais importantes, além dos nomes de todos os engenheiros e da quase totalidade dos mestres. A minha inserção insignificante e quase invisível no próprio centro de decisões do conjunto da Divisão de Terra Cota e a minha mobilidade no seu interior por vários anos puseram-me, de fato, sem que eu evidentemente o soubesse, na condição de um etnógrafo espontâneo. Minha memória registrou até mesmo as relações de parentesco que havia entre vários mestres e, também, as dificuldades que tinham para lidar com a cultura letrada e universitária dos engenheiros (MARTINS, 1994, p. 5).

Essa ideia remete que a etnografia não é feita só como a metodologia planejada de pesquisa, mas que também pode ocorrer sem a aspiração de um método, de forma espontânea. Ou seja, nesse momento não havia ainda a pretensão da pesquisa, e muito menos do método, no entanto, o contato, o encontro, e até mesmo a descrição densa estava acontecendo, e para fins de registro dos dias de permanência na COOCASSIS, foi produzido um diário de campo,

e à medida que a estudante fazia as visitas e atuações junto ao grupo ia registrando e descrevendo o acontecido e o observado.

A utilização desse caderno de campo, feito durante a graduação, na atual pesquisa, terá o efeito de documento onde o fabricante é o próprio pesquisador, mesmo que em outro tempo histórico, no entanto, é importante que essa utilização se dê de forma cuidadosa e questionadora, à medida que fica bem claro o intuito de utiliza-lo e sobre quais circunstâncias ele foi produzido (QUEIROZ, 1992, p. 27).

Esse diário foi retomado quando se iniciou a pesquisa e por isso optou-se pela etnografia, sendo ele, base durante o trabalho, tanto de entrevistas como de busca conceitual de análise.

A palavra etnografia se refere tanto a uma forma de proceder na pesquisa de campo, como ao produto final da pesquisa: classicamente, uma monografia descritiva. Na antropologia, o termo denota muito mais uma ferramenta de coleta de dados e não equivale à observação participante que a sociologia integra como método. Tampouco costuma identificar-se apenas como método. Insiste-se muito mais em que ela seja um “enfoque” ou uma “perspectiva”, algo que se articula como método e teoria, mas que não esgota os problemas nem de uma nem de outro (ROCKWELL; EZPELETA, 1989, p. 32).

Por tanto, a pesquisa etnográfica se dá de forma processual e contínua, articulada com os movimentos proporcionados pelo peregrinar da investigação, e sendo assim, a pesquisa continuara a buscar trilhar de forma ética e crítica esse espaço em permanente questionamentos e posteriores construções.

### **Conclusão**

Se para desenvolver uma pesquisa é necessário, a combinação dos aportes teóricos, bem como a proximidade com o grupo e com o objeto escolhido (KOSMINSKY, 1999), torna-se importante também a reflexão sobre o processo de análise a ser desenvolvido pela pesquisadora. Isto significa que, mesmo com o cuidado e preocupação metodológica ao lidar

com os sujeitos que serão entrevistados, a pesquisadora ainda esta a frente da pesquisa (BOURDIEU, 1997).

Nesse sentido, as possíveis análises aqui indicadas, partem desde o processo de escolha do objeto até o objetivo da pesquisa em si, que é constantemente guiada pela hipótese do projeto, passando principalmente pela alongada descrição do campo de pesquisa.

O desenvolvimento das atividades desse projeto esta possibilitando uma experiência de análise tanto ao pesquisador, quanto aos trabalhadores envolvidos, isso porque constantemente, juntos tem-se recuperado a historia desses catadores e as interações com a universidade. A partir das leituras, reflexões e discussões tem sido possível consolidar um campo de atuação da Psicologia Social articulada com a Economia Solidária. Os conhecimentos produzidos junto aos trabalhadores desses grupos populares apontam para uma melhor compreensão da temática e contribuem para o atendimento dessa demanda social tão importante, originária de um segmento da população excluída do mercado formal de trabalho.

Colocar o pesquisador em contato direto com a realidade concreta e possibilita-lhe articular, de forma efetiva, a produção de conhecimento, a pesquisa e a transformação social, tem produzido assim novos sentidos a atividade de execução do mestrado.

### **Referencias Bibliográficas**

- ALVES, G. *O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ANTUNES, R. *Adeus ao Trabalho? ensaio sobre a metamorfose do trabalho*. 13ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2010.
- BOCK, A. M. B., GONÇALVES, M. G. M, FURTADO, O. (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. São Paulo: Cortez, 2009.
- BOURDIEU, P. Compreender. In: BOURDIEU, P. et al. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 693 – 713.

- CASTRO, M. F. *Os motoboys de São Paulo e a produção de táticas e estratégias na realização das práticas cotidianas*. Tese de doutorado (Instituto de Psicologia da USP). São Paulo: 2010.
- DUARTE, N. Formação do indivíduo, consciência e alienação: o ser humano na psicologia de A. N. Leontiev. *Cadernos Cedes*, (62)24, 44 – 63, 2004.
- EZPELETA, J., ROCKWELL, E. *Pesquisa Participante*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- FREIRE, P. *Educação Como Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HARVEY, D. *A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 12ªEd, 2003.
- HELLER, A. *O cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- JOVCHELOVITCH, S., BAUER, M. W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W., GASKELL, G. (ed.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: uma manual pratico*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- KOSMINSKY, E. V. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: \_\_\_\_\_. (org). *Agruras e Prazeres de uma Pesquisadora: ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiróz*. Marília: UNESP Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999.
- KREIN, J. D. *Tendências Recentes nas Relações de Emprego no Brasil: 1990 – 2005*. Tese (Doutorado), Instituto de Economia (IE), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2007.
- MARX, K. *El Capital: critica de la economia politica*. Vol I. Ciudad Del México: Fondo de cultura económica, 1975.
- \_\_\_\_\_. Trabalho Alienado e Superação positiva da auto-alienação humana. (Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844). In: FERNANDES, Florestan (org.) *MARX & ENGELS*. São Paulo: Ed. Ática, 1989. (p. 146 – 181).
- MARTINS, J. S. A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 1-29, 1993 (editado em nov. 1994).
- \_\_\_\_\_. *A sociologia do homem simples*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

- MAUSS, M. Ofício de etnógrafo, método sociológico. In: OLIVEIRA, R. C. (org.) *Marcel Mauss: antropologia* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1979. p. 53 – 59.
- MÉSZÁROS, I. *O poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo, 2012.
- SATO, L., SOUZA, M. P. R. Contribuindo para Desvelar a Complexidade do Cotidiano através da Pesquisa Etnográfica em Psicologia. In: MATIAS, M. C. M., ABIB, J. A. D. (Orgs) *Sociedade em Transformação: Estudo das Relações entre trabalho, saúde e subjetividade*. Londrina: EDUEL, 2007.
- \_\_\_\_\_. Contribuindo para Desvelar a Complexidade do Cotidiano através da Pesquisa Etnográfica em Psicologia. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 15 de dezembro de 2013.
- SILVA, V. G. *O antropólogo e sua magia*. São Paulo: Edusp, 2000.
- SINGER, P. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SMITH, A. *Investigação sobre a Natureza e as Causas das Riquezas das Nações*. São Paulo, Abril: 1978.
- QUEIROZ, M. I. P. *Variações Sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.
- \_\_\_\_\_. O Pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões. In: LANG, A. B (org.). *Reflexões Sobre a Pesquisa Sociológica*. São Paulo: CERU, 1992. p. 13 – 29.
- ROCKWELL, E. *Reflexiones sobre el proceso etnográfico (1982-85)*. Mexico: Centro de Investigación y Estudios Avanzados del Instituto Politécnico Nacional. Mimeografado (s.d.).
- THIOLLENT, M. *Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária*. São Paulo: Pólis, 1980.
- THOMPSON, G. P. A. *Miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VÁZQUEZ, A. S. *Filosofia da Práxis*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.

WEBER, M. A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais. In: COHN, G (org.).  
*Max Weber* (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 2003. p. 79 – 127.